

O Midland Bank espera diálogo e o fim da “introversão”

O Brasil optou por uma política econômica “introvertida” e desfavorável ao investimento estrangeiro — incluindo a moratória técnica — justamente na época em que o sistema bancário internacional dispunha de melhores condições para tratar do problema das dívidas de médio e longo prazos. Além disso, o País vive hoje um clima de “incerteza política”, prejudicial aos investimentos externos, mas que pode ser amenizado com iniciativas como a da conversão de parte da dívida em capital de risco. Foi o que disse ontem o representante do Midland Bank no Brasil, Donald Pearson, du-

rante o II Congresso de Executivos Financeiros, no Rio. Segundo ele, “a nova equipe econômica parece favorável ao diálogo”.

Para Pearson, a conversão da dívida em capital de risco poderá render ao Brasil o ingresso de US\$ 2,5 a 3,5 bilhões em investimento, por ano, melhorar o perfil dos débitos, reduzir a vulnerabilidade do País às flutuações de juros e viabilizar privatizações e **joint-ventures**. Ele citou o Chile como exemplo onde a convenção deu certo. Outro representante de banco estrangeiro que abordou o problema da conversão da dívida em investimentos foi o presidente do Bank

of Montreal no Brasil, Pedro Leitão da Cunha.

Ele disse que o verdadeiro problema da dívida brasileira situa-se no montante comprometido a longo prazo, da ordem de US\$ 60 bilhões.

Mas o representante brasileiro na Financial Corporation — instituição financeira regional norte-americana — considera a conversão da dívida em risco “uma faca de dois gumes”. Segundo ele, a dificuldade está no deságio sofrido pelos títulos da dívida brasileira, da ordem de 35% após a moratória.